

“Os seios de Rosa estavam duros e ele acariciava-os com fervor, deixando aqui e ali restos de saliva. Agarrou-lhe depois a cabeça, como quem leva uma criança a comer o que está no prato, e trouxe-a junto ao seu pénis duro e tenso.”

(Montenegro, p. 71)

“Partilhávamos os nossos pequenos segredos sobre os corpos nus das nossas irmãs, lembraste?”

(Montenegro, p. 116)



uma coisa inventada – é quando parece uma coisa inventada. Um miúdo de 20 anos ganhar a Vuelta e andar no Porto à procura de teatro alemão, nota-se que é ligeiramente inventado. Mas Dostoiévski existiu mesmo, era só copiar bem o nome, e portanto foi curiosamente aí, quando Ventura teve de entrar no mundo real, que se espalhou mais ao comprido. Dá a sensação de que se empenhou mais quando era para inventar coisas.

Os erros maçadores

E é sobretudo desanimador para um autor que é “um homem de letras” encontrar na página 19 de *Montenegro* um “massico”. Ou haver na página 54 um homem que, em vez de estar empenhado, está “emprenhado” – e não é pelos ouvidos. Pior ainda é na página 110 estar um “chisato aberto”, o que é um perigo.

Há erros e gralhas que sobretudo aborrecem – erros de concordância e as habituais confusões com o “solarengo”, o “despoletar”, o “há dez anos atrás”, o “buçal”, etc.

Outros erros intrigam – como as sete vezes (págs. 87, 93, 147, 151,

156, 167 e 181) em que Ventura escreve *posse* em vez de *pose*. Por exemplo, “mantinha uma posse serena”. Sete vezes o mesmo erro numa palavra tão fácil? Ato falhado? Sopinha de massa?

E outros erros há que não aborrecendo nem intrigando, antes divertem, como o que está na página 119 de *A Última Madrugada do Islão*, quando a André Ventura, em vez de “hiato de tempo”, lhe sai, à novo-rico, um “iate de tempo”.

As intifadas da discórdia

O que há de Ventura em Montenegro? Não sabemos, suspeitamos pelo que já revelou em entrevistas. Em pequeno, Ventura era doído por ciclismo e por isso fez do seu primeiro herói literário um ciclista. Ventura subiu na vida a pulso desde os subúrbios em Mem Martins. Montenegro quando subia a montanha via aí uma metáfora da sua vida e “dos que lhe vaticinavam um futuro pouco promissor na vida” (p. 20).

(Também via na forma das montanhas as mamas da Cristina, mas sobre isso já lá vamos.)

Ventura é um assumido ativista pró-Israel. A defesa do estado israelita “face ao recrudescimento do antissemitismo e das ameaças terroristas de que o povo judeu é alvo” está inclusive no programa do Chega. E o seu livro *Montenegro* é dedicado “ao Povo Israelita, cujo sofrimento e determinação são fonte insaciável de inspiração para as almas angustiadas”.

No segundo romance, *A Última Madrugada do Islão* (o nome já é revelador), coloca Yasser Arafat como um líder fraco, traficante de droga

◀ O primeiro livro foi lançado em 2008, quando Ventura tinha apenas 25 anos

“ENQUANTO ESCRITOR E HOMEM DE LETRAS QUE ME CONSIDERO...”, ANDRÉ VENTURA, 2015

de e de armas, assassinado pela cúpula da OLP (retratada como um anjo de pecadores e traidores) por ser gay e ter sida.

(Estatística: dois romances de Ventura, dois protagonistas com sida).

A dado momento, um dos amantes de Arafat sente saudades “dos lábios grossos” do líder árabe e diz que nada os vai separar: “Nenhum judeu nos pode tirar o amor” (p. 132).

A *engagement* de Ventura é tal que em *Montenegro* usa quatro vezes a palavra intifada. Três delas são ciclísticas e metafóricas de força e coragem (exemplo: “Esta intifada extraordinária montanha acima”, p. 22).

A quarta intifada é sexual: “Penetrando-a como que em intifadas, saindo do corpo para voltar a entrar com potência reforçada” (p. 72).

E nós, leitores, a pensar que, para um israelita, uma intifada era uma coisa má.

Por falar em sexo, como vê Ventura as mulheres no seu romance de estreia? Como no tempo das cavernas. “Ele era o vencedor e ela apenas uma *fait-diver* [*fait divers*], uma presa à disposição (...) um troféu, um merecido descanso do guerreiro depois da batalha” (p. 30); “A natureza primitiva das mulheres, a sua mecânica cerebral simples.” (31); “Sentiu-se portador de uma excitação diabólica (...) como um feroz homem das cavernas.” (71)

E o sexo mesmo? Agressivo, em que as mulheres são seres dominados (e gostam): “Luís esbofetava-lhe a cara (...) numa atitude de punição (...) Cristina continuava a insinuar fraqueza,

necessidade de punição e toda uma série de conceitos que apelavam a uma mística de castigo. (...) Luís esbofetava-lhe ainda a cara (...) Penetrando-a com um pendor punitivo. (...) Agarrá-la e castigá-la como um cavalo de corrida a ser domado. (...) Perfeita síntese da punição. (...) Cristina como um escravo acabado de ser chicoteado.” (44); “Rosa parecia alegre em obedecer.” (71)

Mais um pouco: “Um desejo de ser possuída. Um misto de anjo e de

“Incapaz de o fixar nos olhos, Roberto notou que a mão de Arafat ia descendo lentamente sobre o seu peito, tocando-lhe sensivelmente nos mamilos.”

(A *Última Madrugada do Islão*, p. 81)



“PEQUENOS PRESENTES, PEQUENAS SURPRESAS. AH, QUE MULHER NÃO APRECIARIA ISSO” (MONTENEGRO, P. 177)

Livro

Montenegro
(2008)

Autor
André Ventura
Editora
Chiado



Livro

A Última Madrugada do Islão
(2009)

Autor
André Ventura
Editora
Chiado



No segundo livro, André Ventura dedica oito páginas aos apetites gay de Yasser Arafat

prostituta.” (103); “Cristina, a sua submissão na cama.” (126); “Pequenos presentes, pequenas surpresas. Ah, que mulher não aprecia isso?” (177); “A sua expressão de dor física e de humilhação, ditada pelos homens.” (181); “Puxando-lhe o fino cabelo como a um cavalo de corrida.” (208); “A dominação sexual selvática.” (209)

As prostitutas de Leste

Ventura parece incapaz de criar uma mulher e não a pôr logo na cama. Já ouvimos aqui falar de uma Cristina. Trata-se de uma espanhola que Montenegro, quando termina uma difícil etapa de montanha na Vuelta, “vira de esguio na subida”. Que nunca reparou que ela tinha “uma sensualidade quase infantil” (29), mas quando a reencontra, dois parágrafos à frente, nota já a sua “beleza maternal”. Foi da subida.

Montenegro ficou tão sugestionado que à noite, no hotel, olhando pela janela a paisagem, “deu por si a pensar nos seios de Cristina, talvez pela imagem que a montanha sugeria”. Mas depois distraiu-se pelo “volumoso mas teso traseiro” de uma empregada que passava. No dia seguinte, na etapa da consagração, uma mulher, aliás, “uma jovem de seios longos e aparatosos” (50), gritou o seu nome, eufórica.

E à noite Montenegro dá uma festa e convida, entre outros, “a família real” (a própria, a espanhola) e “uma dezena de ‘super meninas’ para alegrar o ambiente e alguns convidados”.

Depois, Montenegro lá faz amor com Cristina. Corre bem, mas fica muito intrigado com os pelos púbicos dela, que vistos através de um espelho na parede parecem ter a forma de um L, mas depois já parecem formar um I, “parece um problema de espelhos” (p. 46) e o leitor a perguntar-se aqui onde é que Ventura quer chegar com esta charada para qualquer coisa que vai acontecer mais à frente, talvez começada por L ou por I, e depois vai-se a ver e nada. É só parvoíce.

A ação avança alguns meses e vemos Montenegro a apanhar uma chuva no Porto. Um temporal tão